

3 PROCESSOS DE CRIAÇÃO PARA O CALE [festival de artes de rua do fundão]

RELATO DOS CRIADORES

CONTEXTO

Os 3 projetos performativos que dão corpo a este relato – Casa de Bonecas/2012 (CB); Excursão Vais ou Não?/2014 (EVN?); Siga a Banda!/2015 (SB!) – foram desenvolvidos com e para a mesma comunidade, cidade do Fundão (Cova da Beira), em diferentes edições do CALE¹. A partir de 2014 tem estado associado a um outro evento – *SangriAgosto* – promovido pela Associação Comercial “um evento de carácter popular que dinamiza, promove e estimula o comércio tradicional do Fundão”².

O convite, no domínio das artes performativas foi-nos endereçado³ pelo diretor artístico do CALE⁴. Estes projetos deveriam tratar a memória e o imaginário da cidade, pois apostava num festival com identidade local. Por conhecer aquela comunidade, foi sempre o próprio a estabelecer a área temática para cada um dos 3 projetos. Para além do calendário, orçamento e alguns aspetos de produção, tudo o resto ficava à nossa responsabilidade. Estrangeiros à cidade cabia-nos descobrir o território à procura de fontes e parceiros que fossem suscetíveis de dar corpo a cada um dos “motes temáticos” apresentados. Esta liberdade introduz outros desafios aos processos de criação. Teríamos capacidade de, num curto espaço de tempo⁵, encontrar cúmplices para cada aventura?

ÁREAS TEMÁTICAS PROPOSTAS | UNIVERSOS TRATADOS

2012

Figura reconhecível da cidade, próxima da população e portadora de conhecimentos oficiais representativos da região.	Em dona Apolinária Formiga – mulher conhecida na cidade como doceira, artesã, cantadeira, poetisa, encontramos um universo potencialmente rico.
--	---

2014

Empresa(s) determinante(s) no progresso da cidade.	Na empresa Auto-Transportes (AT), criada nos primórdios do séc. XX, encontramos o núcleo a partir do qual irradiámos. Ainda hoje é uma das mais importantes e emblemáticas empresas do Fundão.
--	--

¹ Nome da rua da cidade que outrora foi a via comercial principal. Nas últimas décadas perdeu a sua influência. O festival tem lugar nas duas primeiras semanas de Agosto.

² <https://www.facebook.com/events/718829984889713> - página consultada a 5/09/2015.

³ Anos antes, tínhamos os dois, apresentado no Fundão um espetáculo. As cumplicidades artísticas com o diretor artístico do Cale, Miguel Rainha, foram-se, em conjunto, desenvolvendo. Essa foi a razão do convite para uma direção artística conjunta. Dirigir um projeto a dois é um aspeto que tem matéria suficiente para reflexão. No entanto, neste contexto, não o seleccionámos como sendo o mais relevante.

⁴ Segundo ele, pela sua unidade contextual e temática, estes 3 projetos constituíram-se enquanto trilogia.

⁵ Projetos desenvolvidos entre três e quatro semanas, à razão de duas visitas ao território espaçadas no tempo: uma primeira de reconhecimento e de primeiros contactos e uma segunda, contínua e mais prolongada, para desenvolver a criação. Esta duração e repartição do tempo trouxe urgência aos processos, tanto nas decisões como na gestão do risco.

Bandas filarmónicas.	Músico de 91 anos de idade, Manuel Bispo (o Tinalhas); músicos de 3 Bandas filarmónicas (Silvares, Peroviseu e Tinalhas); elementos da tuna da Academia Sénior do Fundão; jovens do projeto de inserção social Matriz E5G e do Abrigo de São José, foram os protagonistas encontrados para desvendar um pouco mais do íntimo deste universo de referência maior do nosso património cultural e artístico.
----------------------	---

Os eventos artísticos criados abordaram a memória daquele concelho por via dos modos de fazer e estar daqueles que dão corpo a essas atividades.

Casa de Bonecas/2012 (CB)

Com o universo de dona Apolinária Formiga “cozinhámos” quatro ações:

Esquecidos (performance-oficina) – a cozinha da Pastelaria Formiga abre as suas portas. Os privilegiados que convidados a entrar⁶ participam na confecção dos Esquecidos (biscoitos regionais) enquanto escutam segredos e estórias, lembrando que a memória também tem barriga! No final, em plena rua, todos são convidados para um animado e saboroso lanche.

Cochichos (audio-retratos) – as bonecas da dona Apolinária recriam figuras típicas da cidade⁷; pessoas concretas que muitas delas já desapareceram mas que povoaram a sua infância. Duas dessas bonecas são auto-retratos: a costureira e a padeira. A instalação sonora⁸, com oito pontos de escuta, apresenta diferentes discursos sobre a temática da identidade. Convidámos diferentes participantes (crianças, jovens, adultos) a efabular e a oferecer a sua voz. Aquando da audição o público podia observar as duas bonecas que deram o mote à instalação.

Aventais das Marias (instalação-atelier de costura) – o guarda-roupa das bonecas é rico em saias, lenços e aventais. Nesta oficina, instalada em plena rua, todos são convidados a costurar o seu avental, passando pelas diferentes fases: desenho, corte e costura.

(V)ai e (V)olta – inspirados pelo gosto de dona Apolinária em confecionar almofadas, colocam-se à disposição dos festivaleiros almofadas para servir de assento enquanto assistem a cada um dos espetáculos da programação. Entre o levar e o devolver a instalação compõe-se e recompõe-se ao ritmo dos gestos de cada um. No mesmo espaço coabita uma outra instalação de almofadas que foram laboriosamente criadas por pessoas e instituições da comunidade a partir do universo Casa de Bonecas⁹.

⁶ 15 pessoas em cada uma das duas sessões.

⁷ Uma extensa coleção está exposta numa montra em frente à sua pastelaria.

⁸ Criada em parceria com o músico e sonoplasta João Clemente.

⁹ Estas duas últimas ações foram realizadas em parceria com www.modatex.pt.

Excursão Vais ou Não?/ 2014 (EVN?)

A partir do universo da AT efabulámos uma fantasiosa excursão à praia da Nazaré na *Mack*, autocarro dos anos 40, recuperado pela empresa para o evento. Durante o percurso proporcionava-se aos excursionistas¹⁰ uma verdadeira viagem no tempo.

5 momentos na estrutura dramaturgica do espetáculo:

Embarque e início da viagem – dois guias¹¹repcionam os excursionistas onde apresentam, o itinerário e as informações úteis da viagem; depois do embarque segue-se a descida da avenida principal da cidade onde surgem uma série de eventos inesperados (programas de rádio, concursos e a entrada de uma Banda filarmónica¹²).

Entrada na garagem da AT – uma avaria no autocarro obriga a uma paragem; ocasião para os três funcionários¹³ entrarem em ação para resolver a situação.

Visita à Gráfica do Fundão (GF)¹⁴ – cruza-se a rua à procura do livrete do autocarro, documento que se diz ser essencial para se conseguir arranjar o motor de forma a seguir viagem. Neste espaço restrito, no meio de máquinas antigas mas que algumas delas ainda funcionam, ao mesmo tempo que se escuta uma conversa entre o atual proprietário e a filha em torno das histórias deste estabelecimento¹⁵, os visitantes podem apreciar vários documentos da AT que tinham sido ali impressos ao longo dos anos, cuidadosamente expostos sobre as bancas. Era uma parte do espólio da gráfica e do imaginário do Fundão que ali se dava a ver.

Regresso – a buzina da *Mack* anunciava que o autocarro estava em condições de seguir viagem. Próximo destino?

Siga a Banda!/2015 (SB!)

Foram criadas 4 ações que ofereciam ao público a possibilidade de “mergulhar” no universo das Bandas Filarmónicas:

Oficina de construção – concepção e construção de um dispositivo cénico que, simultaneamente, pudesse receber a instalação-museu e fosse elemento cenográfico do espetáculo-concerto¹⁶.

Instalação/museu – exposição de objetos capaz de representar o património material das Bandas filarmónicas do concelho. Recolha realizada, tanto junto de Bandas, ainda no ativo, como no espólio de outras que, apesar de terem deixado de existir ainda preservam alguns dos seus vestígios materiais. Aos interlocutores pedimos que nos confiassem objetos com que tivessem uma relação singular: instrumentos musicais, pautas, estantes, fotografias, quadros onde se aprenderam as primeiras notas, fardas e bonés, fitas de agradecimento e até a maquete de um futuro coreto... E porque nos encontramos no universo do som e da música e porque queríamos partilhar estes objetos “com alma”, associámos à instalação uma paisagem sonora criada com os depoimentos daqueles que selecionaram os objetos. Esta foi também a forma encontrada de identificar a pertença de cada um dos objetos.

¹⁰ 40 pessoas por viagem / 3 sessões realizadas.

¹¹ Interpretadas por nós próprios com a função de conduzir a narrativa e induzir, por vezes, o discurso dos outros protagonistas (não-atores), de modo a fazer avançar a narrativa.

¹² 8 músicos da Banda Filarmónica da Aldeia Nova.

¹³ António Gonçalves, reformado, ex-chefe da oficina de mecânica; Carlos Rondão, atual chefe da oficina e António Santos, chefe da secretaria.

¹⁴ Uma das empresas outrora satélites da AT, criada para imprimir bilhetes, horários, publicidade...

¹⁵ O Sr. Carlos e a Mafalda.

¹⁶ Oficina liderada por Patrick Hubmann (www.patrickhubmann.com) e que teve como participantes dois grupos de jovens da comunidade: o *projeto Matriz | E5G* (www.programaescolhas.pt) e o Abrigo de São José.

Oficina de adereços – para que o público pudesse participar, a preceito, no espetáculo-concerto que iria acontecer no dia seguinte, foi criada esta oficina onde miúdos e graúdos aprendiam a construir o seu próprio “chapéu de músico”¹⁷.

Espetáculo-concerto – a dramaturgia desenvolve-se em torno de dois grandes eixos: o imaginário partilhado pelo músico Tinalhas e as várias fases de uma jornada habitual de trabalho das Bandas filarmónicas. Cerca de 50 intérpretes ocupam a Praça do Município. O dispositivo que dá corpo à instalação/museu converte-se em elemento cenográfico central; as “reliquias” que ali estavam anteriormente expostas ganham nova vida; toda a deambulação é pontuada por fragmentos áudio dos testemunhos recolhidos. E assim segue a Banda: o hastear de um novo estandarte; uma “orquestra de palmas”; o Tinalhas que partilha alguns elementos da sua vida nas bandas, ao mesmo tempo que explora outras sons do seu clarinete; um professor dá uma aula a músicos aprendizes. Havia ainda tempo para procissões e arrematações antes do concerto final – uma composição em tempo real¹⁸. Surgia, enfim, o momento dos comes e bebes que fazem juntar atores e público num ato de comunhão.

MODOS DE FAZER

Experiências de proximidade

Como abordar a memória e imaginário da cidade?

Sabíamos que queríamos partir de um contato direto com as pessoas em vez de nos basearmos em fatos e datas registadas em documentos históricos. O nosso processo inspira-se nas metodologias da História Oral; visão disciplinar que sustenta que cada um de nós encerra em si um depósito de memórias e experiências suscetíveis de desvendar modos singulares da interação entre o individual e o social, ou seja, o pessoal, o familiar e o histórico podem ser lidos de forma articulada.

O fato de procurarmos valorizar o património pessoal de cada um, pressupõe o encontrar de estratégias e práticas de proximidade. A primeira ação que tivemos de realizar no início de cada projeto foi a de identificar “fontes vivas” de informação. De boca em boca as referências iam surgindo. Cada encontro que conseguíamos marcar punha à prova a nossa capacidade de mediação. Havia encontros que eram meramente de recolha de informação, mas noutros tínhamos interesses para uma eventual futura participação. As cumplicidades com as pessoas iam sendo estabelecidas, tendo em conta a abertura e a empatia criadas. Explícite-se com um exemplo! Quando no primeiro encontro com o atual administrador da AT, o Eng.º Pião, expusemos o nosso interesse em conhecer a história e o quotidiano daquela empresa através dos seus protagonistas, fomos, de seguida, apresentados a alguns dos seus mais antigos e próximos funcionários. Nas conversas andávamos à procura de conhecer aquela realidade mas sobretudo queríamos conhecer histórias pessoais que fossem capazes de alimentar o nosso ato de efabular sobre a memória da cidade. A curiosidade que demonstrávamos e por vezes mesmo a insistência em querer aprofundar determinadas situações que iam sendo reveladas, instigava no outro o ato de recordar. Só o fato de alguém se mostrar disponível e interessado em ouvir as histórias de vida que cada um de nós tem para contar potencia o reconhecimento e a valorização do outro! Durante os processos de recolha não foram raras as vezes que, rapidamente, aconteceram aproximações e partilha de intimidades. A seleção dos parceiros ia naturalmente acontecendo, tendo em conta os afetos criados. Era tempo de aprofundar o diálogo com aqueles que mostravam interesse e disponibilidade! Estariam esses interessados, disponíveis para embarcar

¹⁷ Concepção e orientação do *Projeto Matriz* | E5G.

¹⁸ Orientação de Samuel Coelho, músico que colaborou com o projeto na sua fase final.

conosco numa aventura de experimentação artística? Saber esperar o bom momento para lançarmos o desafio da auto-representação fazia parte das estratégias do jogo. A maior parte das vezes não recebíamos uma resposta imediata. A confiança adquirida era posta assim à prova! Esse processo negocial envolveu, tanto indivíduos com grupos, tanto para fins de participação na performance como para outro tipo de implicação.

Podemos identificar dois tipos de participantes: os estruturantes e os colaterais. Na primeira categoria incluímos os que estiveram mais diretamente relacionados com os momentos performativos: dona Apolinária, os três funcionários da AT e dois da Gráfica, o senhor Tinalhas, os jovens do projeto Matriz E5G, a Tuna da Academia Sénior do Fundão, o professor e os alunos da escola de formação da Banda Filarmónica de Silvares; e na segunda, incluímos aqueles que deram suporte e apoio às diferentes ações: entre outros, a AT, a Modatex, as pessoas que deram voz aos Cochichos, aqueles que criaram uma almofada a partir do tema Casa de Bonecas, os que cederam objetos para a instalação-museu (SB!) e as empresas que contribuíram com donativos para o lanche no final do Siga a Banda!.

Cada projeto teve as suas próprias especificidades mas em todos eles estiveram envolvidas várias pessoas, grupos e entidades. As redes de conhecimento e participação empreendidas serão uma das mais-valias da nossa ação. Em suma, definir o universo dos cúmplices de um projeto reveste-se de uma importância crucial, sobretudo em projetos com a comunidade onde, à partida, nada está pré definido e portanto, tudo está dependente dos “contratos” celebrados.

Contratos e sinergias

Nos processos desenvolvidos procurámos implementar formas de participação capazes de proporcionar o encontro de interesses, expectativas e anseios das partes envolvidas. Descobrir as articulações mais ajustadas dessa troca exige uma gestão da espera e alguma inventividade pois, na maior parte das vezes, esses processos de partilha não se vislumbram desde logo e portanto não se operacionalizam senão de forma gradual! Um exemplo poderá melhor esclarecer o que se diz. No projeto SB! o que estava delineado é que os jovens do projeto Matriz estariam, unicamente, envolvidos na oficina de construção. Perante o empenho demonstrado e os laços afetivos criados propusemos, em seguida, que fizessem parte do espetáculo-concerto. Surge-nos depois a ideia de criar uma oficina de adereços. Porque não propor a concepção e a orientação dessa mesma oficina ao projeto Matriz, visto que têm uma valência forte ao nível da expressão plástica? Acresce a isto o fato da mãe de um dos jovens também ter ficado envolvida no projeto. Apercebendo-se das necessidades ofereceu-se para costurar o toldo para o dispositivo cenográfico. Em seguida encomendámos-lhe a confecção do estandarte para o espetáculo e também o pão para a recepção final. Os “contratos” que, passo a passo, se foram estabelecendo com o projeto Matriz proporcionaram a esses jovens a possibilidade de descobrirem os diferentes passos de um processo de criação. Paralelamente às aprendizagens artísticas foi também possível desenvolverem competências pessoais e sociais. A visibilidade pública que as várias ações do projeto adquiriram, ofereceu à instituição a possibilidade de dar a ver o seu trabalho de inserção social.

Outras situações de clara sinergia poderiam ser referidas como, por exemplo, a participação no (CB) da Escola de Design Têxtil Modatex. As formandas do Curso de Corte e Costura, ao assegurarem em plena praça pública a oficina Aventais das Marias, tiveram uma estimulante experiência que pôs à prova as suas aprendizagens. Para além do mais, essa experiência funcionou como meio de autopromoção, tanto para as orientadoras da oficina como para a própria instituição. Também a proposta feita à Entrelaços¹⁹ no (V)ai e (V)olta, para cuidar e gerir a venda das almofadas, cujas receitas angariadas reverteram em benefício da associação,

¹⁹ <http://associacaoentrelacos.blogspot.pt/>

reforça o fato destas ações de criação artística promoverem dinâmicas de interação e de transformação social.

Dramaturgias partilhadas

Os processos de criação dramaturgica foram desenvolvidos de forma partilhada. Primeiro procurávamos *in loco*, observar, conhecer e perceber com detalhe a realidade de cada uma das pessoas, nomeadamente, os seus desejos, as suas histórias e sobretudo os seus saberes-fazer e as suas rotinas quotidianas na profissão... cabia a nós descobrir a teatralidade destas “matérias”. Explorávamos em conjunto o potencial performativo das propostas e, passo a passo, a escrita começava a surgir. Trabalhando com não-profissionais das artes performativas e tendo em conta os objetivos específicos que eram os nossos, agíamos, a maior parte das vezes, sem estabelecer fronteiras bem definidas entre aquilo que eram momentos de encontro e de convívio e os ensaios de escrita e atuação. Esta foi a estratégia que se revelou mais eficaz como também aquela que nos pareceu ser a mais adaptada à realidade das pessoas com quem trabalhamos. Essa quase não separação entre o que consideramos arte e o que é a vida quotidiana de todos nós é um dos aspetos que no interessa preservar nestes processos de criação com a comunidade.

Das matérias partilhadas pelo outro, o que era suscetível de ser dado a ver? Vejamos exemplos de cada um dos 3 processos:

(CB) – os encontros passaram a acontecer na cozinha da pastelaria. Terminada a jornada de trabalho, era aí que dona Apolinária esperava-nos depois de um dia de trabalho. Habitualmente tudo se iniciava com um convite para o lanche: na ementa os pastéis de cereja, o tradicional bolo de azeite, as cavacas e, claro, os singelos esquecidos que foram os nossos eleitos para integrarem o espetáculo-oficina com o mesmo nome. A escolha deveu-se, não só à simplicidade da receita, mas especialmente à ironia do nome esquecidos que cozinhou bem com o insistente discurso de alerta que esta simpática doceira não se cansava de repetir: “A minha memória já não é o que era... ando muito esquecida...”. Logo de seguida contradizia o que acabara de dizer com um desfile de receitas que conhece de cor e outras histórias com pão, canções e memórias longínquas. Era nesta atmosfera que a escrita conjunta de um guião ia surgindo e caminhava a par e passo com a construção gradual de um mapa coreográfico que se desenhava no espaço a partir das ações e rotinas da dona Apolinária Formiga.

(EVN?) – das observações e das conversas com os funcionários da AT, selecionámos conteúdos para integrar a trama ficcional que criámos. Com os participantes passámos em seguida ao burilar desse guião que criámos integrando agora textos e diálogos para cada situação. Esse texto que propúnhamos integrar provinha, na sua grande maioria, do discurso proferido pelos intervenientes em momentos de conversa e partilha. Só que agora o contexto em que o texto iria ser dito fazia com que houvesse necessidade de fazer algumas alterações para se ajustar às exigências da economia da cena. Para alguns funcionários, agora tornados atores, nem sempre foi tarefa fácil integrar esses novos elementos textuais. A título de exemplo: quando o autocarro entrava na garagem da AT para resolver a avaria, era o senhor António Gonçalves que surgia como o mecânico de serviço; teria primeiro de fazer o diagnóstico! Para a construção desta cena tivemos repetidas discussões tentando definir as perguntas que este deveria colocar ao motorista. Na verdade, a memória do seu brio profissional não permitia concessões quanto à sequência e conteúdos da sua intervenção. Tinha, por vezes, dificuldade em perceber e integrar o plano da ficção, ao ponto desse antigo chefe da mecânica não querer abrir mão dos procedimentos apropriados, defendidos durante os anos da sua experiência profissional.

(SB!) – os encontros que tivemos com Manuel Bispo, mais conhecido por Tinalhas, nome que herdou da passagem pela Banda Filarmónica de Tinalhas, foram na realidade carregados de sugestibilidade. O seu amor pela música era contagiante; não fosse as artroses que

lhe deformam as mãos, mas que se adivinham outrora ágeis, continuaria a animar os bailaricos da aldeia! Quando o ouvimos tocar e trautear, conseguimos melhor imaginar os lugares por onde passou, os dias inteiros e imensos a tocar sem descanso (57 anos!) mas que lhe treinaram o fôlego de uma vida longa. O senhor Tinalhas é uma memória viva que condensa em si todas as histórias que fomos recolhendo, uma espécie de rio para onde desaguam afluentes, um guardião de um imaginário coletivo. O que transpira da sua presença e o que conosco partilhou foi o que nos orientou no desenho dramaturgico do espetáculo. Tornou-se o pivô dramático da estrutura do espetáculo, que seguia a lógica de uma jornada típica de uma Banda filarmónica numa romaria – alvorada, arruada, procissão, cortejo das oferendas e finalmente o arraial. Foi, em suma, a partir do Tinalhas que se dava a ver uma antologia de imagens e memórias que pertencem a todos e a cada um de nós!

POÉTICAS

Espaços in(comuns)

Sendo o CALE um festival de artes de rua, os três projetos teriam de ter como protagonista o espaço público. Os públicos destinatários teriam também, de alguma forma, integrar o jogo da cena. Com estes pressupostos criámos propostas onde o espaço público e o privado se confundem, ou seja, conhecidos espaços da cidade com acesso restrito abriram-se à livre fruição; descobrir esses espaços que contêm outros tempos oferecem ao público novas percepções sobre as coisas. Espaços (in)comuns portanto, capazes de proporcionar experiências de recepção em que o público é convidado a participar e a vivenciar, de uma forma cúmplice, momentos de proximidade e consentida efabulação. O real criava assim tensões com a ficção, tal como a memória individual com a coletiva.

Espreitemos por esse prisma cada um dos projetos:

(CB) – três lugares distintos foram mobilizados: a cozinha da dona Apolinária foi palco da oficina-performance Esquecidos; a rua, a instalação-atelier de costura Os aventais da Maria; e os áudio-retratos Cochichos numa antiga peixaria. Quando saltámos a barreira do balcão da pastelaria Formiga sabíamos que estávamos a proporcionar ao público uma espécie de “visita aos bastidores”; quando trouxemos para a rua o atelier de costura sabíamos que estávamos a trazer para a luz do dia tarefas e subtis coreografias que, normalmente, acontecem no interior das casas. E quando nos Cochichos convidámos para dentro da antiga peixaria o público para ouvir histórias sobre ser e parecer ao mesmo tempo que poderiam ver e ser vistos do espaço exterior sabíamos que estávamos a interrogar os limites da intercepção entre ver e ouvir, olhar e ser olhado! Não é tudo uma questão de perspectiva?

(EVN?) – quando a *Mack* saiu pela primeira vez à rua, ainda durante os ensaios, foi um acontecimento na cidade. Avistá-la na Avenida da Liberdade era como recuar mais de meio século, quando a cidade pulsava em prosperidade. Quem viveu no Fundão nesse tempo poderá facilmente recordar um inesgotável número de episódios e situações: o transporte dos estudantes das aldeias vizinhas, a carreira regular para Castelo Branco, o transporte dos magalas, não esquecendo os alugueres esporádicos para as populares excursões a Fátima, Nazaré e outros destinos. Voltar a viajar nesta “peça de museu” significou uma colisão de tempos e memórias. Os que se tornaram excursionistas da ilusão teatral que era esta nossa viagem, puderam conhecer os saberes e as histórias dos três funcionários tornados atores (cada um representante das diferentes seções do funcionamento da empresa), tiveram acesso a espaços restritos e reservados (tanto da AT como da Gráfica) que normalmente se escondem do olhar do cliente ou transeunte habitual. Um faz-de-conta construído em comum. (In)Comum terá sido esta experiência!

(SB!) – sendo a grande maioria dos protagonistas não residentes na cidade, procurámos acolher o espetáculo-concerto num espaço simbólico de convergência e de comunhão, a praça central da cidade, a praça do Município. Aí o (In)Comum era ver no mesmo espaço diferentes Bandas tornadas uma só, tal com jovens aprendizes em diálogo com um dos mais velhos músicos do concelho. Saliente-se, no entanto, que a dimensão do criar *in loco* esteve presente, tanto na recolha como nos ensaios, o que nos obrigou a planificar a quase totalidade desses ensaios numa lógica de itinerância, como que a fazer lembrar as distâncias percorridas pelas Bandas Filarmónicas, de romaria em romaria. Esta condição nómada favoreceu a interpretação e o reconhecimento dos grupos a partir da relação que estes estabelecem com os diferentes espaços que habitam. Para além do mais, visitar os grupos “em casa” proporcionou uma gradual conquista de cumplicidades, capaz de gerar o conforto e a confiança essenciais ao exercício da criação.

Formato e linguagens

Para o festival CALE criámos três eventos performativos, cada um deles com uma constelação de atividades associadas: espetáculos, instalações, oficinas. A origem deste formato, que constitui como que uma expansão e uma complementaridade do nosso campo de ação, reside na riqueza dos universos encontrados. Como dar conta das várias atividades da dona Apolinária Formiga (pasteleira, costureira, cantadeira, poetiza...)? Tivemos necessidade de criar diferentes ações em que, cada uma delas, desse enfoque a um dos seus modos de expressão. Para além do mais, essa sua versatilidade induziu-nos a pôr em jogo outras linguagens artísticas que não somente o teatro, nomeadamente, o design de moda, as artes plásticas e a música (composição, sonoplastia, direção). Não competentes em algumas dessas áreas, procurámos parceiros que pudessem dar apoio e mesmo responsabilizar-se por orientar esta ou aquela ação²⁰. Esses exemplos ilustram também o fato de nos interessar criar em rede e em partilha.

Um último apontamento para justificar o fato de se ter integrado oficinas onde se oferece ao público a possibilidade de ter a experiência do fazer. Abordando o mundo do trabalho não seria apropriado incluir experiências de “por a mão na massa”? As oficinas que então criámos²¹ vieram dar corpo a esse desígnio. Resta acrescentar que com elas perseguíamos também, mesmo que subliminarmente, o desejo de contribuirmos para a possibilidade dos diferentes parceiros abrirem novos horizontes de exploração.

PARA COLOCAR UM PONTO NO FINAL

Nestes três projetos de criação envolvemos, direta e indiretamente, cerca de cem pessoas da comunidade e, entre empresas e instituições, cerca de duas dezenas. Poderíamos ainda tentar enumerar, dinâmicas e competências, que foram ativadas com estes projetos e para além deles... cada um dos envolvidos terá vivido à sua maneira estas experiências.

Terminamos com a partilha de uma vivência que se repetia todos os anos, sempre que voltávamos ao Fundão. No Café Aliança, onde era costume pararmos para um café ou uma simples pausa, e muitas vezes lugar para alguns dos encontros, sempre alguém nos interpelava: “então o que vão fazer este ano?”. São por vezes esses pequenos sinais em que a memória comum se ativa, que nos fazem acreditar que os projetos que desenvolvemos nesta cidade do Fundão terão deixado novas formas de participação, recepção e fruição, gestos de

²⁰ Ver o que foi anteriormente identificado sobre o assunto, nomeadamente em notas de rodapé.

²¹ No projeto (EVN?) e para a Gráfica do Fundão esteve prevista uma oficina – dar ao público a possibilidade redescobrir e reinventar outras técnicas de utilizar, ferramentas e máquinas ali, atualmente, desativadas.

contemplanção, gestos conviviais, gestos de efabulação, gestos do fazer; gestos cívicos e gestos poéticos.

RESUMO

Relato de três projetos de criação para o Festival Cale (Fundão) escrito na primeira pessoa pelos diretores artísticos. Visto do interior, expomos primeiro a proposta a nós endereçada e os elementos contextuais que importam conhecer para melhor perceber a nossa ação. Identificamos em seguida os pressupostos dos processos de criação, tais como os elementos que consideramos mais singulares da nossa proposta artística.

ABSTRACT

Report of three artistic projects for Cale Festival (Fundão) written in the first person by the artistic directors. Looking from the interior experience, we first expose the proposal addressed to us and contextual elements that matter to know to better understand our action. We identified then, the conditions of the processes of creation, such as the elements that we consider most unique of our artistic proposal.

Manuela Ferreira

Porto, 1973

Vive em Guimarães.

É encenadora e dramaturgista. Exerce atividade na pedagogia do teatro. Concebe e orienta oficinas para diferentes grupos e contextos de formação. Também tem programado e coordenado vários projetos educacionais. Destaca-se o trabalho que desenvolve na área do Teatro com a Comunidade - uma das temáticas centrais gira em torno da memória e do património pessoal enquanto pontos de partida na construção de ficções dramáticas.

nina.manuela@gmail.com

Tiago Porteiro

Horta, 1966

Após a sua formação de actores no IFICT, desenvolve trabalho como actor (com Giorgio Barberio Corsetti, Madalena Vitorino, Marc Zammit, José Medeiros, Lúcia Sigalho, Ana Tamen, entre outros) e como encenador criou cerca de 10 espectáculos.

Doutorado e mestre em Estudos Teatrais pela Université de la Sorbonne Nouvelle e licenciado pela Faculdade de Motricidade Humana de Lisboa.

É actualmente docente da licenciatura em Teatro da Univ. do Minho depois de leccionar no departamento de Artes Cénicas da Universidade de Évora desde 1997.

tiagoporteiro2@gmail.com

